



XI Encontro de  
Pós-Graduação  
e Pesquisa  
**Consciência e Paz**  
Universidade Estadual Vale do Acaraú



**GOVERNO DO  
ESTADO DO CEARÁ**  
Secretaria da Ciência, Tecnologia  
e Educação Superior

## OS “SENTIDOS DA COLONIZAÇÃO” BRASILEIRA E A CULTURA DO ENGENHO EM CARNAUBAL - CE

**Antonio Roberto Soares Cavalcante<sup>1</sup>; Francisco Alan Medeiros Chaves<sup>2</sup>; Maria Valéria Abreu Pontes<sup>3</sup>;**

<sup>1</sup> Estudante de Pós – graduação em Metodologia do Ensino de História– FACULDADE EVOLUÇÃO; E-mail: [rsoares\\_historia@zipmail.com](mailto:rsoares_historia@zipmail.com).

<sup>2</sup> Estudante do curso de História – IVA/ UVA; E-mail: [astronomo25@hotmail.com](mailto:astronomo25@hotmail.com).

<sup>3</sup> Orientadora e Mestranda em História e Culturas - MAHIS/ UECE; E-mail: [valeria.a.pontes@hotmail.com](mailto:valeria.a.pontes@hotmail.com)

**Resumo:** A pesquisa lança o olhar sobre o processo de iniciação, instalação e a utilização de mão de obra nos engenhos no Nordeste brasileiro, e em especial na cidade de Carnaubal – CE. Priorizamos aqui, como espaço de problematização a referida cidade, localizada na Serra da Ibiapaba, e o engenho “Malandrinha”, afim de analisar a importância da cultura dos engenhos, para a vida social e econômica local, nos tempos de outrora e nos dias atuais. Para entender como o universo particular da cidade se liga ao contexto nacional, faz-se revisão bibliográfica acerca dos sentidos da colonização no Brasil, segundo Caio Prado Júnior (2000); Déa Fenelon (1974); Gilberto Freyre (2003), em diálogo com autores como Pesavento (2008), Lucília Delgado Neves (2000), que versam sobre a História Cultural e as questões da História do Tempo Presente. Em seguida, optamos por trabalhar também com a oralidade enquanto procedimento metodológico. Esta, possibilita compreender por meio de entrevistas com perguntas abertas e semiestruturadas, a problematização da temática em estudo tomando por base a relação entre história e memória.

**Palavras-Chave:** Cana de açúcar; Engenhos; Mão de obra; Memória; Patrimônio;

### INTRODUÇÃO

Esta pesquisa, que se encontra em desenvolvimento, propõe traçar um diálogo transdisciplinar tendo em vista que nunca se falou tanto em fragmentação do conhecimento como nos dias atuais. Aqui, o social é pensado através das suas “representações” no tempo presente (PESAVENTO, 2008). É sob esse olhar, por exemplo: “a memória e a história, especialmente quando inter-relacionadas,” (NEVES, 2000) que a História Cultural passa a questionar a história tradicional. Essa pesquisa, parte do pressuposto de que todo povo tem sua história, e estas são dotadas de “sentido”. Esse sentido, se refere a “uma colônia destinada a fornecer ao comércio europeu alguns gêneros tropicais ou minerais, de grande importância: o açúcar, o algodão, o ouro [...] a nossa economia se subordina a esse fim” (JUNIOR, 2000, p.117). Portanto, problematiza-se essa “grande exploração agrária – o engenho, a fazenda”, suas reais intenções, sentidos e finalidades, que podem ser interpretados observando fatores internos e externos ao processo de colonização brasileiro.

Neste sentido, objetiva-se perceber como essa sociedade se estruturou, ancorada nas bases do processo da mão de obra escrava? Qual sua durabilidade, benefícios e transformações socioeconômicas e políticas, durante o período colonial e outras questões que surgem no presente? Quais os sentidos e significados dessa prática, para aqueles que a realizam e, que se caracteriza como um saber-fazer, transmitido de geração a geração?

Para tanto, pretende-se mostrar alguns pontos, que foram fundamentais, para o desenvolvimento econômico do Nordeste e da cidade de Carnaubal, por meio da instalação dos engenhos, em particular o “Malandrinha”. Considerando “a memória um processo, e não um depósito



XI Encontro de  
Pós-Graduação  
e Pesquisa  
**ConsCiência e Paz**  
Universidade Estadual Vale do Acaraú



**GOVERNO DO  
ESTADO DO CEARÁ**  
Secretaria da Ciência, Tecnologia  
e Educação Superior

de dados, poderemos constar que, a memória é social, tornando-se concreta apenas quando mentalizada ou verbalizada pelas pessoas” (PORTELLI, 1997, P.16). Assim, a História Oral no sentido apresentado por Portelli, “tende a representar a realidade” e nesse estudo, possibilita obter através das história e memórias “rememoradas”, uma visão mais detalhada da formação dos engenhos e suas contribuições para o setor econômico e social.

## **MATERIAL E MÉTODOS ou METODOLOGIA**

Metodologicamente, utilizou-se a história oral seguindo as sugestões teóricas de Janaína Amado e Marieta Ferreira (2006). As entrevistas foram realizadas com perguntas abertas, semiestruturadas, estão devidamente transcritas e, com carta de cessão de direitos autorais. Utilizou-se da descrição etnográfica, segundo Laplantine (2004), e o diário de campo com descrição densa, conforme sugere Geertz (1989). Todas as fontes partem de análises qualitativas, a fim de perceber e analisar as materialidades dos engenhos, os instrumentais de trabalho, as relações, os sentidos e significados de tal atividade para quem a realiza, enfatizando também, a relação entre memória e o tempo presente/vivido, segundo Luisa Passerini (2006). Dessa forma, a pesquisa concentra-se nas teias teórico metodológicas da História Cultural e do Tempo Presente, para fazer um levantamento bibliográfico e empírico sobre as práticas que fizeram sentido no contexto de colonização, e sua relevância sócio-política e econômica local. Atenta também para as demandas de um tempo presente que alteram significativamente as formas de trabalho nos engenhos em Carnaubal - Ce.

## **RESULTADOS E DISCUSSÃO OU PROBLEMATIZAÇÃO**

Através da análise de fontes orais e de revisão de literatura sobre o sistema colonial brasileiro, com foco no ciclo da produção agrícola açucareira nos engenhos, foi possível adquirir alguns resultados que serão parcialmente apresentados.

A partir de conversas informais no engenho “Malandrinha”, foi possível perceber que com um mecanismo bastante simples, os primeiros engenhos tinham engrenagens movidas a boi e a água, prontos para a fabricação do açúcar, rapadura e cachaça. O primeiro engenho foi montado com um sistema de engrenagens bem simples. Feito com tronco de jatobá e puxado por dois bois, assim começaram suas atividades. “Nesse tempo, colocava os bois no engenho as 04:00 horas da manhã para girar as engrenagens, e extrair o caldo (a garapa). Assim, tínhamos tudo pronto para a fabricação de 50 rapaduras e 50 litros de cachaça. Era essa a produção por dia”, conforme a entrevista realizada com o Sr. José Gentil Furtado (2014).

Segundo a entrevista em análise, no início utilizava-se a mão de obra escrava, onde um casal de escravos, Clemente e Efigênia, eram responsáveis por todo o trabalho desde a plantação até a moagem da cana. Para o Senhor Gentil, atual dono do engenho, a rapadura e a cachaça eram comercializados com a cidade de Guaraciaba do Norte e o estado do Piauí, transportados pelos animais de carga, jumentos e bois.

Com o passar dos anos, a produção foi aumentando e a mão de obra crescendo. Novos moradores entraram para o saber-fazer dos engenhos, instalando novos empreendimentos e expandindo o negócio.

Atualmente, muitos engenhos em Carnaubal e na Serra da Ibiapaba estão sendo desativados pela fiscalização do Ministério do Trabalho, pois não têm condições de cumprir os direitos trabalhistas, assinando carteiras de trabalho (CTPS) dos funcionários e pagando corretamente.

## **CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Considerando que o engenho “Malandrinha” é o primeiro de Carnaubal, foi possível apresentar suas primeiras atividades e condições de trabalho, desde a plantação da cana de açúcar até



XI Encontro de  
Pós-Graduação  
e Pesquisa  
**ConsCiência e Paz**  
Universidade Estadual Vale do Acaraú



**GOVERNO DO  
ESTADO DO CEARÁ**  
Secretaria da Ciência, Tecnologia  
e Educação Superior

a fabricação da rapadura e da cachaça. Bem como, suas respectivas comercializações que aqui se apresentam como análises fundamentais, que visam o reconhecimento da identidade, da memória e da relevância histórico-cultural para a preservação, conservação e reconhecimento desse patrimônio.

Ao concluir parcialmente este trabalho, sobre os usos da cana de açúcar no Nordeste e o engenho “Malandrinha” da cidade de Carnaubal, registrou-se a importância dos engenhos no setor econômico do país no período colonial e no desenvolvimento da cidade, atentando para o tipo de mão de obra utilizada, as condições de trabalho e os sentidos e significados dessa cultura dos engenhos “ontem” e “hoje”.

### AGRADECIMENTOS

Agradecemos ao corpo docente do curso de História da Universidade Estadual Vale do Acaraú – UVA, pelos inúmeros momentos de trocas de saberes e vivências que complementam nossa formação.

### REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AMADO, Janaína Amado; FERREIRA, Marieta de Moraes. **Usos e Abusos da História Oral**, 8ª ed. Rio de Janeiro: editora FVG, 2006.

ENTREVISTA realizada com o Senhor **José Gentil Furtado**, no Engenho Malandrinha em 05 de Maio de 2014.

FENELON, Dea Ribeiro. **50 textos de História do Brasil**. São Paulo, HUCITEC, 1974.

FREYRE, Gilberto. **Casa Grande e Senzala: formação da família brasileira sob o regime da economia patriarcal**. 48ª ed. São Paulo: Global, 2003.

GEERTZ, Clifford. **A Interpretação das Culturas**. Rio de Janeiro: LTC, 1989.

PRADO JUNIOR, Caio. **Formação do Brasil Contemporâneo: Colônia**. São Paulo: brasiliense; Publifolha, 2000.

LAPLANTINE, François. **A Descrição etnográfica**. São Paulo: Terceira Margem, 2004.

NEVES, Lucília de Almeida. Memória, história e sujeito: substrato da identidade. **História Oral: Revista Brasileira de História Oral**. V.3, n.3, jun. 2000, p. 113.

PASSERINI, Luisa. A “Lacuna do Presente” in: AMADO, Janaína Amado; FERREIRA, Marieta de Moraes. **Usos e Abusos da História Oral**, 8ª ed. Rio de Janeiro: editora FVG, 2006.

PESAVENTO, Sandra Jatahy. **História e História Cultural**. Belo Horizonte: Autêntica, 2008.

PORTELLI, Alessandro. Tentando aprender um pouquinho: algumas reflexões sobre a ética na História Oral. In: **Revista Projeto História (15)**. São Paulo: PUC/SP, 1997, p. 13 – 33.